

ENTREVISTA

Repensar os espaços e reconfigurar o mundo e a realidade - Entrevista com a Prof^a Dr^a Flora Romanelli Assumpção

Por Maurício Otávio Loura de Souza¹

Artista Visual, professora e pesquisadora, a Prof^a Dr^a Flora Romanelli Assumpção (Colegiado de Artes Visuais) esteve envolvida, recentemente, em um projeto significativo para a UNIVASF. Através de convite da Pro-reitoria de Extensão e da aprovação no edital do Projeto de Extensão PIBEX/2021-01, a professora coordenou uma ação de intervenção no prédio principal do Espaço Plural, unidade universitária que sedia os principais programas de extensão desenvolvidos pela instituição. Mesclando elementos da cultura regional, com traços identitários do Nordeste, do semiárido e do São Francisco, que buscam constituir uma reflexão com temas como a ciência, a origem da vida e do universo. Todos os trabalhos resultam da pesquisa de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Espaço de Arte, Ciência e Cultura da UNIVASF, e que conta com uma exposição permanente abrigada neste prédio do Espaço Plural). A instalação denominada REPRESA [a natureza da natureza], 2021, é composta de 9 obras e contou com a participação ativa dos estudantes envolvidos nessa atividade extensão. Nessa entrevista, a docente nos contou um pouco de sua experiência na coordenação e no desenvolvimento desse projeto.

Revista Extramuros - Como foi esse processo da criação do projeto, surgiu através de alguma necessidade específica da instituição?

Flora Romanelli Assumpção - Quando o Espaço Plural iniciou esse momento de reforma e revitalização, viabilizado por projeto da Pró-reitora de Extensão e professora Lúcia Marisy, eles me contataram pois queriam um trabalho de arte, de pintura, que era o que conheciam. De início a proposta foi direcionada para a mureta da área central do prédio principal, porém, eu propus uma instalação, ativando o espaço aéreo/tridimensional, apresentando obras anteriores que realizei noutros locais e minha proposta foi abraçada por todos os servidores envolvidos na organização, que foram: Pró-reitora de Extensão Prof^a Dr^a Lúcia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira, da Diretora de Extensão Prof^a Dr^a

¹ Estagiário da Revista Extramuros. Discente de Psicologia da UNIVASF.

Márcia Bento e do Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional, Bruno Cezar Silva. Eles gostaram muito do projeto e encaminharam para que a intervenção artística acontecesse. Quando eu cheguei para fazer o trabalho ali, e iniciei a minha proposta, percebi que o espaço do prédio era muito grande, com longos corredores em 2 andares, existindo a possibilidade –e até a demanda– de ampliar a intervenção de arte. O objetivo era revitalizar o espaço, tornando o Espaço Plural PROEX-UNIVASF, após um período de falta de investimentos, novamente um ambiente inspirador para o funcionamento de inúmeros projetos existentes ali.

R.E – Quais eram as expectativas sobre o projeto?

F.R.A – As expectativas existentes estavam direcionadas a revitalizar o espaço, mas também a ampliar o público das artes visuais ao proporcionar uma intervenção que se comunicasse com a arquitetura do prédio, com a sua localização e desenvolvimento de etapas de aprendizagem para os discentes envolvidos no projeto. O intuito, caso não existisse a pandemia, era proporcionar visitas dos alunos do curso de Artes Visuais ao espaço durante a execução da intervenção de arte, mas infelizmente não existiam condições seguras para mais discentes participarem da construção. Outro ponto importante foi a existência de expectativas e envolvimento das pessoas que ocupam o espaço, tornando as obras produto de formação de várias pessoas que frequentam aquele prédio da Univasf.

R.E – O projeto apresentou colaboração e execução de funções de discentes?

F.R.A – Esse trabalho começou com a minha execução sozinha e/ou somente com auxílio de equipe composta sem discentes de graduação; iniciei com orientandas de mestrado da UFPE-UFPB e meu esposo, que também é artista. Essa é uma proposta que eu gostaria já de ter feito e pensava em fazer isso acontecer em outros prédios da instituição, mas não havia condições relacionadas à verba para execução. Desde início foi pensado como uma exposição para arquitetura na qual os estudantes pudessem experimentar a prática de montagem de obras de arte e exposições e também a de monitoria educativa/pedagógica, com as quais os estudantes dos cursos de Artes Visuais costumam se envolver muito durante os anos de formação, que é atendendo o público em bienais e instituições de artes em geral. Isso ocorre bastante em outras cidades, onde há maior oferta de museus e espaços de exposição, um projeto deste montante se propunha a ser uma alternativa para esta lacuna que temos na região. A pandemia acabou tornando possível esta participação dos discentes de graduação apenas depois da disponibilidade da vacina (especialmente para os jovens) e seguindo todos os protocolos de segurança recomendados pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Mas antes disso, eu já estava num processo que costumamos denominar de Residência Artística, com 2 orientandas e meu esposo, só não estávamos dormindo lá, mas passávamos vários em longas jornadas de cerca de 16h diárias no Espaço Plural, executando os projetos. Quanto aos estudantes de graduação, estes passaram a experimentar, a partir do mês de agosto – através do PIBEX – a execução do Projeto de Extensão: "Revitalização Artística do Espaço Plural" aprovado no Edital

PIBEX/2021-01. Conseguimos duas bolsas e um quadro com dez discentes, sendo a participação muito variada para eles, o aprendizado se dá desde a observação e resulta na descoberta de novas técnicas de execução.

R.E – Existiu alguma devolutiva dos alunos que participaram da execução do projeto sobre todo trabalho desenvolvido?

FRA – O trabalho de arte quase sempre foi coletivo, como se pode verificar ao longo da história. Na categoria intervenção e nesta escala, seria quase impossível ser individual. Para os estudantes é importante reconhecer o que o artista pode delegar sem perder o aspecto pessoal e autoral da sua obra, e até entendendo que existem trabalhos que parecem menos “glamurosos”, mas que são fundamentais para uma obra de arte existir, como as etapas iniciais ou os acabamentos, como foi o caso do verniz, para proteção solar aumentando a durabilidade das pinturas. Outro ponto importante para os discentes foi relacionado a pandemia, pois o distanciamento social estava implicando na falta de contato com colegas de curso e em desmotivação. Os estudantes só participaram a partir de agosto usando os EPIs e no ambiente externo, sem causar aglomeração e sempre mantendo o distanciamento no local. Outro aprendizado fundamental para os alunos foi entender que, muitas vezes, a obra demanda dos artistas mais trabalho e dedicação do que planejado na etapa de projeto, ou seja, no momento da execução, há questões próprias do empírico e da arquitetura que cobram mais elementos ou reajustes.

R.E – O projeto, que está fundamentado na arte artesanal e na natureza, foi representadas neste espaço algum motivo específico?

F.R.A – Meu trabalho, eu costumo dizer, que ele tem sido uma reflexão sobre como a humanidade se relaciona com a natureza, ou até mesmo como o homem exerce essa interação numa sociedade pautada pelo patriarcado capitalista e cristão. Então já havia esse questionamento no meu trabalho antes, sobre a relação da humanidade com o meio-ambiente, com o entorno. Isso veio de diversas maneiras, tanto nessas reflexões sobre pautas ecológicas mesmo, que é uma coisa que, como cidadã, passa pelas minhas questões políticas, mas também como desenhista mesmo. Tem artistas que eu estudo que fazem parte das minhas pesquisas de mestrado, doutorado e de pós-doutorado que vão nesse sentido. O que Edgar Morin vai verbalizar pela filosofia quando fala em desenhos primordiais, os artistas (como Leonardo da Vinci, Karl Blossfeldt, Ernst Haeckel, Antoni Gaudí etc) já faziam através do conhecimento visual. Os desenhos primordiais da natureza são possibilidades matemáticas sempre previstas primeiro pelo universo, ou seja: são impossíveis de serem criadas pela humanidade; quando ela acha que criou algo, na

verdade está repetindo um desenho/criação que já foi prevista –e portanto, criada– anteriormente pelo universo. São exemplos as máquinas desenhadas por Leonardo da Vinci que são inspiradas em animais, como tanques de guerra a partir do casco da tartaruga, o helicóptero a partir da libélula, projetos de voo partindo da observação das aves, e por aí vai. Daí se verifica que Da Vinci já percebia que a única forma de criação/invenção da humanidade é olhando para a natureza, tal como outros artistas perceberam. Meu trabalho não é uma ilustração de uma ideia ou tema pré-definido verbalmente, é sempre o contrário, parte de algum interesse ou intuição que vem da visualidade. Depois, conforme o trabalho está acontecendo, aí eu vou entendendo/estabelecendo as conexões entre os discursos dele e com minhas obras anteriores. As obras dialogam entre si e com a arquitetura do lugar, com os seus usos e seu entorno, são reflexões e ficções sobre a natureza, representação e a construção da paisagem.